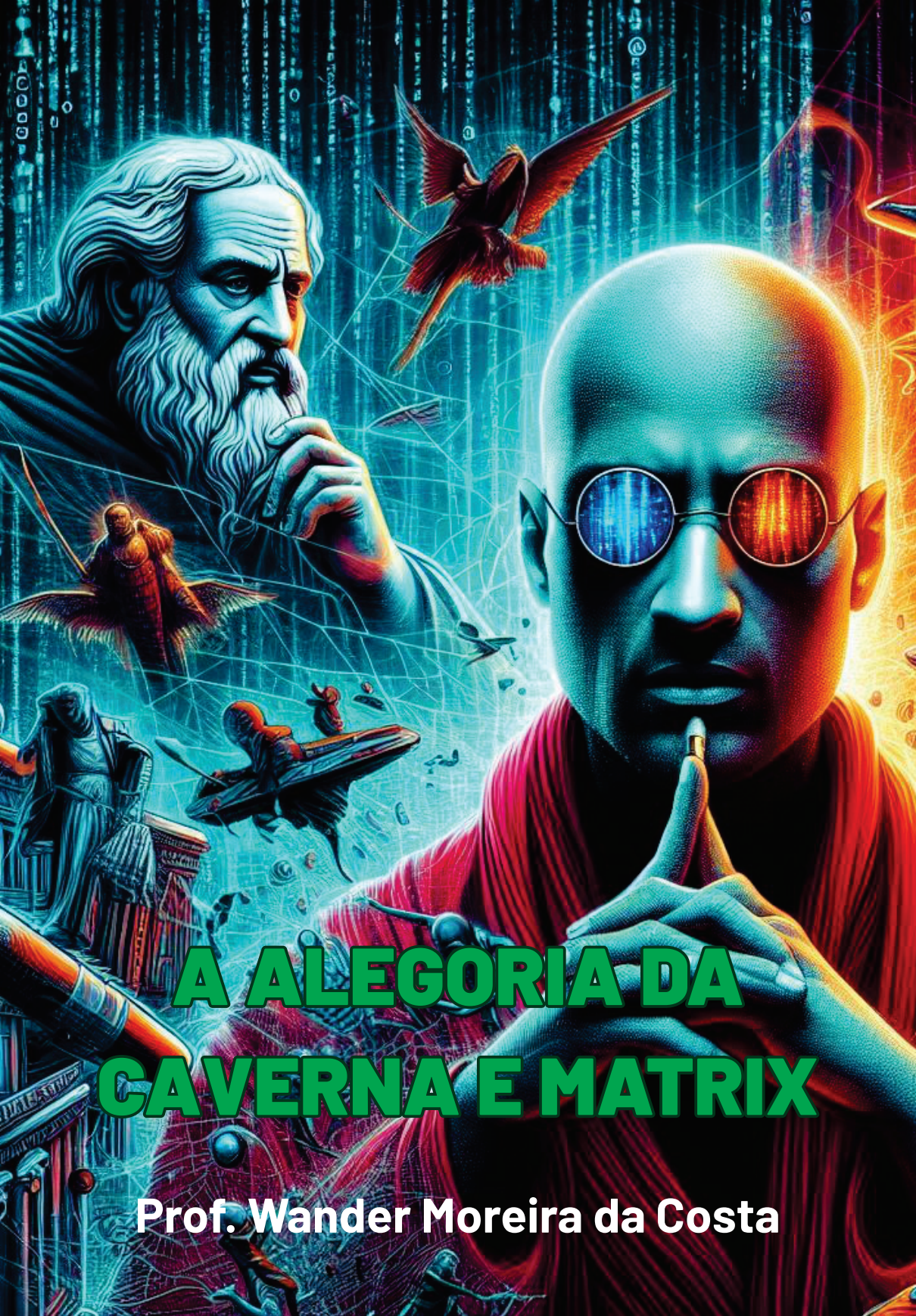




A ALEGORIA DA CAVERNA E MATRIX

Prof. Wander Moreira da Costa

A ALEGORIA DA CAVERNA E MATRIX

Considerações velhas sobre problemas novos

Prof. Dr. Wander Moreira da Costa

Instruções éticas (morais?) para a elaboração deste trabalho

- Este estudo poderá ser realizado em grupo de, no máximo, 4 componentes. Não serão aceitos trabalhos individuais.
- É preciso assistir ao filme e ler (ouvir – há áudios no Youtube da Alegoria da Caverna) para realizar o trabalho.
- As respostas devem ser digitadas e o trabalho impresso. Não serão aceitos trabalhos feitos a mão. Nem trabalhos que constem nomes redigidos a mão, acrescentados depois da impressão do trabalho. Evitem os “morcegos nossos de cada dia”, isso vai contra todos os preceitos morais e éticos de uma sociedade justa. Em outras palavras, todos os membros são responsáveis pelas respostas que serão dadas.
- Todas as respostas têm de ser embasadas nos conceitos e reflexões filosóficas, as referências para isso são os textos enviados previamente ou outros. Todas as referências bibliográficas devem ser marcadas no corpo do trabalho. Isso também será avaliado.

- A linguagem a ser utilizada na escrita deverá primar pela norma culta da língua. Ou seja, revisem os textos antes de os submeterem à análise deste que vos escreve.
- A data de entrega será divulgada na sala de aula na próxima semana.

Questões

1) O que é Matrix? Segundo o pensamento marxista, qual a finalidade da sua existência?

2) Qual é a relação do filme com o conceito filosófico de alienação? As referências filosóficas para esta questão são bem diversas. É preciso, pois, passear pelos bosques da Filosofia para apreendê-las.

3) Sobre o trecho do diálogo em que Morpheus (Lawrence Fishburn) apresenta a Matrix a Neo (Keanu Reeves), logo depois de Neo tomar a pílula vermelha: "A maioria das pessoas não está pronta para despertar. E muitos são tão inertes, tão dependentes do sistema que vão até mesmo lutar para protegê-lo...", explique, de acordo com o filme e de acordo com alguma teoria filosófica (Platão, Aristóteles, Marx, Paul Sartre...) por que a escravidão é cômoda? Dê um exemplo, desse tipo de situação real na Administração de Empresas, ou mesmo no cotidiano da política, ciência, religião...

4) Nesse mesmo trecho citado acima, Morpheus oferece duas pílulas ao Neo: uma azul e uma vermelha. Por que, segundo a narrativa, Neo escolheu a pílula vermelha? Essa resposta deve ser embasada na Filosofia.

5) Você provavelmente já teve alguma experiência que culminou em um dilema, que sempre remete a uma perda, pois é preciso escolher entre duas saídas contraditórias e igualmente insatisfatórias, como o caso da metáfora do filme. Se fosse você o “Neo”, escolheria a pílula vermelha ou a azul? Por quê? Essa é uma questão pessoal. Sua argumentação sobre ela é que vai servir de parâmetro para a nota deste item.

6) Escolha uma das personagens do filme ou uma das personagens da caverna de Platão e faça uma analogia de sua trajetória na narrativa com a de um administrador / funcionário / colaborador de empresa. O seu pequeno texto deverá refletir sobre as escolhas, as atitudes éticas, morais e, sobretudo, deve ser embasado nos textos que foram enviados como referência para estudos.

A Alegoria da Caverna e Matrix

Considerações velhas sobre problemas novos

Matrix é um filme dos irmãos Lana Wachowski, Lilly Wachowski, de 1999 e foi um enorme sucesso. Não só por causa de suas revolucionárias cenas de ação, mas também por ter conseguido tocar em temas profundos e preciosos para um grande número de pessoas. Esses “temas” estão presentes em mitos e em vários textos filosóficos. Mas isso faz do filme *Matrix* uma “obra filosófica”? Não exatamente. Trata-se de um filme comercial e, como qualquer obra de arte para esse fim, visa ao lucro, mas também pode levar a reflexões interessantes. A crítica sobre o filme se divide quanto ao estatuto da arte e de sua levada comercial, que gerou mais dois outros filmes sequenciais.

A grande virtude do filme *Matrix* é de ser muito provocativo. Ele lança “pistas” em várias direções, faz diversas citações de textos famosos, com isso provoca a reflexão. Pode-se, então, pensar o filme como uma excelente ilustração de uma ou outra teoria filosófica. A interpretação dada aqui não invalida outras interpretações que relacionam o filme a outras teorias filosóficas, mesmo religiosas. A ideia deste trabalho é focar em uma das linhas intertextuais de leitura que o filme permite, a analogia com a *Alegoria da caverna*, de Platão,¹ filósofo grego do século IV a.C.

¹Há muitos textos na internet que elucidam a Alegoria da Caverna. Um bem sucinto pode ser visto em: <http://www.infoescola.com/filosofia/alegoria-da-caverna/>. E <https://www.youtube.com/watch?v=MLQIPkfW3yg>

O mais importante quando se analisa um texto (filme, literatura, artes cênicas, publicidade...) é tomar um ponto de partida, ou ponto de contato da obra analisada com a referência intertextual que o crítico queira fazer. Para isso, é preciso ter conhecimento mais ou menos aprofundado dessas referências. Antes de darmos início à reflexão, é bom levantar algumas questões norteadoras: poderíamos pensar que a intenção dos irmãos Wachowski foi construir uma nova alegoria da caverna com o filme Matrix? Será que eles leram a obra de Platão para fazer o filme (os filmes)? Será que eles realmente quiseram tomar a *Alegoria da Caverna* como foco principal, ou tudo não passou de uma coincidência literária? Ora, essas questões pouco importam, uma vez que, nos textos de “artes”(literatura, cinema, música...), o autor “morre” (no sentido barthesiano da questão)² quando o texto é publicado. O fato de os irmãos Wachowski terem lido ou não *A República* de Platão não altera uma interpretação nesse sentido. Textos de arte podem levar a interpretações múltiplas, umas mais plausíveis que outras. Tudo depende do escopo de percepção do leitor e de seu modo de argumentar (retórica) sobre o ponto de vista que queira adotar na interpretação. A grande questão, então, está na coerência com as referências na apresentação de um ponto de vista interpretativo.

O que é Matrix? A palavra *matrix*, tanto em inglês como em português –matriz–, significa molde de madeira ou metal que serve para fazer uma série de cópias idênticas de uma peça ou imprimir um texto ou uma figura; por extensão, local onde algo é gerado e/ ou criado; útero. Note-se que a palavra é um cognato, ou seja, tem a mesma raiz e

² Ver <https://www.youtube.com/watch?v=o1MhnyU4ni0>.

sentido nos dois idiomas. No filme, “matrix” é um programa de computador, um sistema de Inteligência Artificial que cria uma realidade virtual, na qual estão ligados os seres humanos. O objetivo desse “sistema” é controlar os seres humanos para que eles não se revoltem nem resistam contra o sistema de dominação passiva imposto a eles. Em linhas gerais, o sistema precisa dos seres humanos porque eles são a sua fonte de energia (no filme, os humanos são meras *baterias de energia*). No mundo de *Matrix* os humanos estão *alienados*, ou seja, adormecidos, desprovidos do senso crítico, distantes da realidade. Nessa condição, eles simplesmente acreditam na “realidade” que lhes é apresentada. Nada muito diferente do nosso mundo atual, no qual a massificação cultural leva as pessoas a pensarem e agirem de forma homogênea. *Matrix* analogamente corresponde, atualmente, ao sistema político e econômico que exerce influência e dominação sobre nós. Não importa como vamos chamar metaforicamente a *Matrix*, de “governo”, “capitalismo”, “globalização”, “imperialismo americano”, “culturalismo” ou mesmo “socialismo”, estamos falando do “sistema” que estrutura uma ideia de realidade com o objetivo de nos iludir, de alienar, para obter energia, trabalho, e controlar até a vontade e os desejos do objeto subjugado. Algumas pessoas conseguem perceber, de modo um tanto confuso, esse “mundo ilusório”. “Você já se sentiu como se não soubesse se está acordado ou sonhando?”³ É assim que os humanos que protagonizam a narrativa se

³ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=thHeDB_tZKq> e <<https://www.youtube.com/watch?v=fW1vQ17THxc>>, este último é uma aula do professor e psicoterapeuta Bernardo Gregório. A leitura dele é bem ampla, abrange vários campos do saber, assim como o da professora Lúcia Helena Galvão, da Nova Acrópole – Escola de Filosofia Internacional: <<https://www.youtube.com/watch?v=Rg9kyJCp5n8>>.

sentem. Uma pergunta lhes atormenta: o que é essa vida que estou vivendo?, ou seja, o que é *Matrix*? Essa pergunta atormenta também o personagem central do filme, o jovem hacker Neo (que em grego significa *novo*). Curiosamente, mudando-se as letras que formam o nome do jovem hacker que protagoniza a trama, obtém-se *one*, o numeral um em inglês, parte que integra o sistema binário, que também significa primeiro e, por extensão, de acordo com o foco da narrativa, *the one*, o escolhido. Neo, no filme, será o “novo” homem que surgirá para substituir o “velho” homem, alienado, preso às máquinas. Neo acredita que outro hacker, Morfeu (Morpheus), tem a resposta sobre a *matrix*. Morfeu, uma corruptela do nome do deus grego *Morfen* – deus dos sonhos, filho do sono e da noite apresenta a *Matrix* a Neo, como forma de sanar sua inquietude: “Matrix está em todo lugar, à nossa volta nesta sala, você pode vê-la pela janela, quando liga a televisão, quando vai para o trabalho, quando joga com seus amigos, quando paga os impostos, quando satisfaz as suas vontades. É o mundo colocado diante de seus olhos para que você não veja a verdade.” A verdade a que Morfeu se refere é que os humanos são escravos de um sistema, de um programa de computador que controla máquinas. “Como todo mundo, você nasceu em um cativeiro, em uma prisão que não consegue sentir ou tocar, uma prisão para a sua mente.”

A semelhança com a *Alegoria da Caverna* apresentada por Platão no capítulo VII do seu livro *A República* é muito grande. Platão pede para imaginarmos prisioneiros acorrentados pelos pés e pescoços em uma caverna subterrânea. Esses prisioneiros estão acorrentados de tal forma que só podem olhar para o fundo da caverna. Ou seja, eles têm a

sua visão condicionada pelo alcance das correntes que os predem. A caverna tem uma entrada no alto por onde passa um pouco de luz, seja a luz de uma fogueira ou a luz do próprio sol. Essa luz é insuficiente para iluminar a caverna toda, mas ela cria um efeito interessante de sombras (uma espécie de tela de cinema). Essa luz projeta imagens distorcidas de pessoas carregando objetos, pessoas sozinhas, animais no fundo da caverna. O eco produzido dentro dessa caverna faz com que os sons feitos fora da caverna pareçam ser produzidos pelas próprias sombras. Assim, os prisioneiros que estão condenados a ver apenas as sombras passam a acreditar que elas são a “realidade”. Eles assimilam as sombras e os sons como modelos de realidade. Suas conversas, suas reflexões, seus desejos são motivados pelas sombras dentro da caverna.

A analogia possível do filme com a *Alegoria da Caverna* e ao nosso cotidiano é que a *Matrix*, o sistema, é a própria caverna, nós somos os prisioneiros acorrentados pelos nossos preconceitos, crenças, opiniões sem fundamento, o que nos torna condicionados a enxergar somente as sombras e a ouvir somente ecos, o que torna nossa percepção de mundo bastante limitada. As correntes são as *propagandas* utilizadas pelo sistema para nos obrigar a olhar em uma só direção, limitando nosso escopo de percepção. Dessa forma, todo o “conhecimento” adquirido dentro da caverna é produzido pelo *mundo sensível*. Esse é o mundo fácil e prazeroso dos cinco sentidos. É muito mais fácil acreditar nas primeiras aparências, naquilo que está posto. É mais fácil fazer o que todos fazem sem contestação, ler as mesmas opiniões e divulgar os mesmos preceitos e preconceitos. Note-se que tanto no texto de Platão quanto no enredo do filme há uma constante

preocupação com o conhecimento, com a verdade, ou com a tentativa de se esconder a verdade, por parte do sistema e da condição de limitação dos movimentos.

Note-se que *A República* é um livro sobre política, que diz respeito a uma cidade ideal, de um governo ideal e de uma educação ideal. Platão defende a ideia de que a verdadeira filosofia coincide com a verdadeira política. O conhecimento é o caminho da libertação, inclusive da libertação política. Formar filósofos é formar governantes, bem como cidadãos para dar continuidade ao ideal. Se Platão imaginou um *rei filósofo*, podemos, hoje, imaginar pessoas que são governantes da sua própria vida. Para ele, se o homem quiser mudar o mundo, ele precisa primeiro conhecer a si mesmo e, com isso, começar o processo de mudança. O primeiro passo para que isso ocorra é livrar-se das correntes e ir de encontro à luz, ou seja, o prisioneiro tem de sair da caverna. Platão diz simplesmente que alguém solta o prisioneiro (outros filósofos) e o coloca na direção da saída da caverna. O prisioneiro precisa, então, iniciar uma caminhada dolorosa da busca do conhecimento: subir as pedras, sair da caverna e olhar as coisas como elas são. Os percalços dessa empreitada são muitos e árduos: a subida, as pedras e a cegueira que a luz causará nos olhos que se acostumaram com as sombras. O “escolhido” pode desistir, recuar, voltar à normalidade do seu cotidiano, sem atropelos, sem desafios. Mas a curiosidade, a inquietante dúvida que o fustiga (o que há de errado com a vida?), o motiva a continuar. Na saída, o “escolhido” leva algum tempo para acostumar-se à luz da fogueira na porta da caverna, como se tivesse chegado atrasado em uma sessão de cinema ou teatro em que

as luzes já estivessem apagadas e o espetáculo já estivesse em andamento. Vencido esse obstáculo, ele terá de vencer a luz do sol, de alta intensidade.

A luz relaciona-se, nesse caso, à razão, ao conhecimento, à clareza de ideias, vir ao mundo, nascer. Esse nascimento da razão é que joga luz sobre os conhecimentos obscurecidos pelos sentidos. A razão só pode, segundo Platão, nos levar ao bem, por isso olhar o sol é olhar o próprio bem em si. Num sentido amplo, o mundo fora da caverna é o mundo das ideias universais, ou seja, o *mundo inteligível*, pois as ideias só podem ser alcançadas pela mente (pela inteligência). Por exemplo, dentro da caverna temos os mais variados tipos de cães, grandes, pequenos, peludos, sem pelo. Assim eu posso imaginar que o “cão verdadeiro” é o meu cão. Pura ilusão. No entanto, fora da caverna existe a ideia de “cão”, que revela a essência do cão, ou seja, aquilo que é comum a todos os cães. Essa ideia é que revela o cão real, o verdadeiro. Alguém é capaz de vera “lei da gravidade” ou o “cálculo estrutural” feito para manter o teto de uma sala de aula ou de um prédio? Não somos capazes de ver as ideias, pelo menos não com os olhos. É a nossa inteligência que nos revela essas ideias e nos mostra que elas são imutáveis e perfeitas. Essas ideias são as “matrizes que produziram as cópias imperfeitas, que são as sombras dentro da caverna. Platão chamou essas cópias da realidade de simulacros. Se quisermos sair do mundo de simulacros devemos conhecer as “matrizes”.

Então, no filme, Neo é o prisioneiro que irá sair da caverna. Outros saíram antes dele, mas é ele o escolhido para chegar até a Matrix e dominá-la, compreendê-la talvez. Essa decisão de sair de seu sono, de

sua própria caverna, terá de ser sua, pois, em um primeiro momento, significará abandonar o prazer pelador, pela ignorância, pelo costume de estar alienado. Neo é chamado de predestinado no filme, mas ele tem a capacidade fazer escolhas. Em um primeiro momento, Morfeu o orienta a sair por uma janela no alto do prédio onde ele trabalha, para escapar dos sentinelas (*programas de proteção da matrix*). Ele sai pela janela, refuga e recua, decide, então, entregar-se aos sentinelas. A cena em que Morfeu oferece a Neo as pílulas azul e vermelha aponta para as escolhas que ele tem de fazer. A azul o faria acordar em sua cama imaginando que tudo não passou de um sonho; a vermelha o deixaria ir até o fundo da verdade. Morfeu não tenta seduzi-lo com vantagens ou prazeres. Tudo o que ele tem para oferecer é a verdade: "(...) só posso mostrar-lhe a porta, mas quem tem de atravessá-la é você, Neo". O caminho do conhecimento é o caminho do autoconhecimento, como apregoava Sócrates e depois dele Platão, Aristóteles e muitos outros pensadores. A inscrição no alto da porta da cozinha da casa do oráculo, "*Conhece-te a ti mesmo*", faz uma referência direta a Sócrates, porque, segundo Platão, ele a tinha isso como mote para chegar à verdade. Essa é uma das máximas de Delfos e foi inscrita no *pronaos* (pátio) do Templo de Apolo em Delfos. Essa máxima é aplicada àqueles que tentam ultrapassar o que são. O autoconhecimento é, portanto, o primeiro passo para se conhecer a verdade.

Neo escolhe conhecer a si mesmo e a dura realidade. O filme, desse modo, atualiza a o pensamento platônico sobre a inquietação, a dúvida, a curiosidade que só o indivíduo pode conter ou levar a diante. Enquanto a inquietude de Neo no mundo é considerada um desajuste,

na Filosofia, é nascimento da consciência. A caverna de Platão não parece ser um lugar aprazível. Já a nossa “caverna” moderna pode ser muito agradável e muito prazerosa. Aliás, esse é o fundamento da dominação da *Matrix*: incentivar a busca do prazer e do progresso incessantemente. Trata-se de uma dominação que não proíbe, mas incentiva a consumir e a ter prazer. É pelo prazer que somos dominados. Por isso o caminho de Neo será especialmente doloroso. Ele é acordado do seu sono alienante e vê como os homens eram cultivados para servirem ao sistema. Quando Neo abre os olhos já na realidade, ele questiona o porquê de seus olhos estarem doendo. Morfeu lhe diz que isso se deve ao fato de eles nunca terem sido usados antes, nunca tinham visto a realidade. Neo vê o mundo fora da “caverna”, o *deserto* do real, uma realidade tremendamente mais dura e “darknoir” do que o mundo da *Matrix*. A comida, as paisagens, tudo. Por isso algumas pessoas não sobreviveriam se lhes fosse dita a verdade. A ilusão é muito mais agradável.

Por isso a realidade oferecida pela *Matrix* é tão dominadora e muitos dos aprisionados, acorrentados à *matriz*, à caverna, dariam até a própria vida para proteger o sistema, para se manterem em estado onírico. Somos escravizados pela satisfação do desejo que não pode ser adiada. Essa é a perversidade do sistema: quanto mais perseguimos a liberdade, a vida agradável e confortável, mais nos prendemos às correntes do sistema e mais contribuímos para a sua manutenção.

O filme, então, baseia-se na dicotomia entre o que é real e o que é ilusão, da mesma forma que esse mote se apresenta na caverna de Platão. Aquilo que se consegue sentir, cheirar, provar e ver é o que

representa o real, ou seja, simplesmente sinais elétricos interpretados ou conectados pelo cérebro. Se for isso então podemos ser muito facilmente enganados. Comi um biscoito recheado de morango: o morango não passou nem perto da fábrica de biscoito, uma essência sintetizada em laboratório ocupa o lugar do fruto no biscoito. O que percebemos é somente o simulacro do fruto. Lembremos da cena de Matrix quando o traidor (o Judas)CYPHER (*Cypherem* inglês significa “código secreto”, e também “pessoa sem importância; o número zero”. Ora, se Neo é o “um”, então Cypher é o “zero” do código binário) come um succulento bife malpassado e diz saber tratar-se de uma ilusão, que a Matrix está estimulando algumas áreas do seu cérebro para ele acreditar estar comendo um bife. Então, ele coloca um pedaço na boca, mastiga devagar, suspira e diz: “isto é bom demais, a ignorância é uma benção”. Realmente para que pensar nisso se tudo está tão bem? Como é bom acreditar em tudo que recebemos da TV, confiar cegamente nos cientistas, políticos, professores... Neo se nega a aceitar esta realidade *fácil*. Ele prefere o *deserto* do real. Ele vai enxergar a Matrix, como os outros habitantes da caverna de Sion (Zion) por meio de seus códigos e símbolos e, então, compreendera que a *matrix* é que é o simulacro.

Matrix representa uma outra atualização da *alegoria platônica*. Platão pressupunha a reencarnação. Assim ele podia justificar o acesso da ALMA/MENTE/PSIQUE ao mundo não material que existia fora da caverna. Nossa alma havia conhecido esse mundo antes do nosso nascimento. Ao cair no nosso corpo, a alma esquece dessa existência, cabe à filosofia fazer a alma lembrar das ideias perfeitas do mundo fora da caverna. Assim o filme sugere que, ao sairmos de uma

caverna acabamos entrando em outra. Ao serem libertados das capsulas que os mantinham fornecendo energia para a *matrix*, os humanos têm de se alojar em outra caverna, Sion / Zion (que, na Bíblia, era um monte onde estava localizado o templo de Salomão, um reduto do conhecimento e da sabedoria). Mesmo saindo fora da caverna, acabamos submetidos a alguma forma de controle ou a alguma Matrix. A vantagem é que com este “trânsito” crítico entre várias visões de MUNDO, somos capazes de alargar sucessivamente nossos horizontes e nossa compreensão do mundo, assim como nossa própria autocompreensão. Neo é o escolhido, porque é o único que tem fé de que a *matrix* não é a sua casa, a sua morada, é só uma ilusão, é mutável e passageira. O ex-prisioneiro da caverna também compreendeu isso quando se acostumou a ver a luz, a realidade da criação. E o que acontece quando ele tenta voltar na caverna para libertar seus pares que ficaram por lá?

Na última parte da *alegoria da caverna*, Platão faz o prisioneiro liberto voltar para a caverna, a fim de libertar seus antigos companheiros. Por que ele faz isso? Porque é a sua obrigação política: saber a verdade cria a obrigação de dizer a verdade. O prisioneiro volta e fica cego porque seus olhos não estão mais acostumados à escuridão da caverna. Quando ele diz aos seus companheiros que aquilo de que eles têm certeza absoluta são meras sombras, ilusões, eles se revoltam contra aquele “cego” que quer mudar a vida deles e ameaçam matá-lo (como fizeram com Sócrates, Cristo e outros). A cena final do filme mostra Neo como o prisioneiro liberto, que volta à Matrix e deixa um recado para todos os que ainda estão presos nela: “busquem a

mudança, a crítica, é difícil mudar, mas isso é extremamente necessário. Eu não conheço o futuro, não posso promover nada. Eu não vim dizer como isso vai acabar, mas vim dizer como vai começar. Vou mostrar para as pessoas aquilo que o sistema não quer que elas vejam, aquilo que elas mesmas não querem ver. Vou mostrar a elas um mundo sem Matrix. Um mundo sem regras nem controle, sem limites nem fronteiras. Um mundo de sua inteira responsabilidade. Um mundo onde tudo é possível...”

Boas leituras! 😊

